

**REGISTRO CONTÍNUO DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA como
CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA – identificando: onde/quando/ por que
ESCOLHI**

0	7	14	21	28	35	42	49
56	63	70	77	84	93	100	107

TEXTO DE RAFAEL BARCELOS SANTOS

Coordenador CMV-FUP

rafaelbarcelosunb@gmail.com

0 A 7 ANOS: FAMÍLIA, AFETO E PRIMEIRAS DESCOBERTAS

Nasci em 16 de abril de 1988, às 15 horas, no Hospital Santa Helena, na Asa Norte, em Brasília. Naquele mesmo ano, o Brasil promulgava a Constituição Federal, marco do processo de redemocratização do país. Evidentemente, eu ainda não tinha consciência da importância desse acontecimento, mas, ao revisitar minha trajetória, reconheço que meu nascimento ocorreu em um momento histórico de reconstrução democrática, após mais de duas décadas de ditadura civil-militar, e de ampliação dos direitos civis, políticos e sociais no Brasil. Com o passar dos anos, compreendi que minha própria trajetória seria atravessada pelos direitos à educação, à informação, à cultura e à participação social afirmados naquele contexto.

Minha infância foi muito feliz e cercada pelo amor dos meus pais, Antônio e Cristina. Embora nossa situação financeira fosse limitada, nunca me faltaram carinho, incentivo e segurança. Morávamos em um barraco nos fundos da casa da minha avó Maria, em Sobradinho I, compartilhando o mesmo terreno. Hoje compreendo que, apesar das dificuldades econômicas, meus pais fizeram uma escolha que mudou toda a minha história: nunca exigiram que eu trabalhasse e preferiram que eu me dedicasse aos estudos, acreditando que a educação seria o caminho para transformar minha vida e, futuramente, também a deles.

Ao revisitar essa experiência, percebo que essa decisão familiar representou muito mais do que um cuidado individual. Ela evidencia como o acesso à educação constitui um direito social capaz de ampliar oportunidades e contribuir para o rompimento de ciclos de desigualdade, algo que somente mais tarde compreendi ao estudar a educação como

prática emancipatória. Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades econômicas e sociais, garantir que um filho da classe trabalhadora pudesse dedicar-se aos estudos representava uma forma cotidiana de resistência e de esperança. Mesmo sem utilizarem conceitos acadêmicos, meus pais compreendiam que a educação poderia ampliar meus horizontes e possibilitar uma vida diferente daquela que as condições materiais inicialmente pareciam determinar.

Minha avó Maria teve presença constante nessa fase, assim como meu primo Jefferson, que sempre considerei um irmão. Crescemos brincando juntos, jogando futebol na rua e compartilhando diferentes momentos da infância. Também guardo lembranças muito afetivas das férias na casa dos meus avós paternos, Mariana e Severino, em Ituiutaba-MG. A comida preparada por minha avó, o ambiente simples e o convívio familiar tornaram-se memórias que permanecem vivas até hoje.

Na escola, minha primeira grande referência foi a professora Dolleny, do maternal. Eu tinha medo de frequentar a escola, mas sua acolhida e sensibilidade fizeram com que esse espaço deixasse de representar insegurança e se transformasse em um lugar de descobertas e aprendizagem. Essa experiência inicial permitiu que eu percebesse, ainda que de maneira intuitiva, que o ato de educar não se limita à transmissão de conteúdos. Educar também envolve acolher, escutar, estabelecer vínculos e criar condições para que o estudante se reconheça como sujeito capaz de aprender.

Essa fase também coincidiu com importantes acontecimentos nacionais. Em 1994, quando eu tinha 6 anos, acompanhei a comoção provocada pela morte de Ayrton Senna. Eu gostava de assistir às corridas de Fórmula 1, e sua morte foi uma das primeiras perdas de uma personalidade pública que permaneceram em minha memória. No mesmo ano, ocorreu a implantação do Plano Real. Embora eu ainda não compreendesse o significado da inflação e das mudanças econômicas, lembro-me das conversas familiares sobre os preços, as compras e as dificuldades enfrentadas pelas famílias antes da estabilização da moeda. Essas lembranças demonstram como os acontecimentos econômicos e políticos chegam à vida das famílias por meio das condições concretas de existência, afetando a alimentação, o consumo, o trabalho e as possibilidades de planejamento do futuro.

Em 1995, nasceu o meu irmão Everson. Foi um acontecimento pessoal muito importante para mim, pois sempre quis ter um irmão para brincar comigo.

7 A 13 ANOS: A DESCOBERTA DO CONHECIMENTO, DAS AMIZADES E DO MUNDO DIGITAL

Durante o Ensino Fundamental, a escola passou a ocupar um lugar central em minha vida. A professora Reny marcou profundamente minha trajetória por seu jeito acolhedor de ensinar Ciências. Com ela, aprendi que estudar podia ser prazeroso. Mais tarde, o professor José Maria despertou meu interesse pela Literatura, enquanto a professora Lúcia Gomes contribuiu para meu aprendizado da gramática e consolidou meu gosto pela leitura.

Somente anos depois compreendi que esses professores fizeram muito mais do que transmitir conteúdos. Eles despertaram minha curiosidade, estimularam minha autonomia intelectual e contribuíram para que eu percebesse a escola como espaço de acolhimento, diálogo e transformação. Seus ensinamentos ajudaram a formar não apenas o estudante que eu era, mas também o profissional e o pesquisador que me tornaria. Por meio deles, comecei a compreender que o conhecimento não deve ser tratado como privilégio de poucos, mas como um direito que precisa ser socializado e colocado a serviço da formação humana.

Foi também nessa época que construí amizades importantes com Cláudio, Rafael Henrique e Guto. Embora nossos caminhos tenham seguido direções diferentes depois da escola, essas amizades fizeram parte de uma fase muito feliz da minha vida.

Paralelamente aos estudos, vivi intensamente o futebol. Frequentava uma escolinha esportiva em Sobradinho I, participava de campeonatos e viajava para diferentes cidades do interior do Brasil. Guardo excelentes lembranças das viagens, das partidas e da convivência proporcionada pelo esporte. O futebol me ensinou disciplina, dedicação, convivência coletiva e trabalho em equipe.

Foi nessa fase que comecei a acompanhar mais diretamente a passagem do mundo analógico para o digital. Meu primeiro computador utilizava o sistema Windows 95 e funcionava com disquetes. Para instalar programas, armazenar documentos ou transportar pequenos arquivos, utilizávamos disquetes, que possuíam uma capacidade muito limitada em comparação aos dispositivos atuais.

As pesquisas escolares ainda eram realizadas principalmente em livros físicos, enciclopédias e bibliotecas. Mais tarde, comecei a utilizar a internet discada, que era lenta e dependia da linha telefônica. Em razão dos custos, costumávamos acessar a internet durante a semana depois da meia-noite, aos sábados a partir das 14h e aos domingos em qualquer horário, quando as tarifas eram mais acessíveis. A velocidade de conexão era

baixa, aproximadamente 56 kbps, e qualquer pesquisa ou *download* exigia tempo e paciência.

Também acompanhei o uso do walkman e de aparelhos de CD, além dos videogames Master System e Super Nintendo. Essas tecnologias fizeram parte das minhas brincadeiras e da convivência com meu primo Jefferson e com meus amigos. Hoje, ao encontrar disquetes entre os materiais do Centro Memória Viva, reconheço objetos que fizeram parte da minha própria infância e percebo, de maneira concreta, a rapidez das transformações tecnológicas.

Em 11 de setembro de 2001, quando eu tinha 13 anos, acompanhei pela televisão o atentado às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos. Ainda sem compreender toda a dimensão política e geopolítica do acontecimento, percebi que se tratava de um fato de alcance mundial. A intensa cobertura televisiva fez com que as imagens daquele dia permanecessem em minha memória. Mais tarde, compreenderia que aquele episódio também provocou profundas mudanças nas relações internacionais, nos discursos sobre segurança e nas formas de representação de povos e culturas, demonstrando a influência exercida pelos meios de comunicação na construção da percepção social dos acontecimentos.

14 A 21 ANOS: JUVENTUDE, TECNOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA

A adolescência e o início da juventude foram marcados pela ampliação dos meus interesses intelectuais e pela definição do meu projeto de vida. No Ensino Médio, a professora Jane despertou definitivamente meu interesse pela História. Foi com ela que aprofundei meus conhecimentos sobre a Ditadura Militar brasileira, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, os regimes totalitários e a história política do Brasil e do mundo. Essas aulas contribuíram para desenvolver meu pensamento crítico e ampliar minha compreensão sobre a sociedade. Ao conhecer os processos de autoritarismo, perseguição política, censura e supressão de direitos, comecei a reconhecer a democracia como uma conquista histórica que não pode ser considerada definitiva, pois precisa ser permanentemente construída, protegida e ampliada pela participação popular.

Em 2002, aos 14 anos, acompanhei a conquista do pentacampeonato brasileiro na Copa do Mundo. A vitória mobilizou o país e permanece em minha memória como uma experiência de celebração coletiva. O futebol já ocupava um lugar importante em minha trajetória, tanto pelas práticas esportivas quanto por sua presença na cultura brasileira.

Nessa fase, a internet começou a ocupar um espaço cada vez maior no cotidiano. As pesquisas escolares continuavam sendo realizadas em livros e bibliotecas, mas os recursos digitais passaram a ampliar as possibilidades de acesso à informação. A internet discada foi gradualmente substituída por conexões mais rápidas, e posteriormente acompanhei a expansão da internet banda larga e do Wi-Fi.

Meu primeiro celular foi um aparelho Nokia, adquirido durante o Ensino Médio. Era um equipamento grande e com poucas funções, utilizado basicamente para realizar ligações e enviar mensagens de texto por SMS, serviço que era cobrado por mensagem. Mais tarde, acompanhei a substituição gradual desse modelo de comunicação por aplicativos de mensagens instantâneas, que tornaram possível enviar textos, imagens, áudios e vídeos de forma praticamente imediata.

Também acompanhei a evolução dos videogames e tive contato com o PlayStation, percebendo o crescimento do realismo dos jogos e das possibilidades de interação. Essas mudanças tecnológicas transformavam as formas de estudar, pesquisar, comunicar-se, criar vínculos e divertir-se.

Naquele período, eu percebia essas transformações principalmente como novidades e avanços técnicos. Hoje compreendo que a passagem do mundo analógico para o digital modificou profundamente minha maneira de estudar, acessar informações e relacionar-me com o conhecimento. Esse interesse amadureceu durante minha formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação e, posteriormente, adquiriu novos sentidos em minha atuação profissional. Também passei a compreender que o acesso às tecnologias não ocorre de maneira igualitária. Enquanto algumas pessoas dispõem de equipamentos, conectividade e formação para utilizar os recursos digitais, outras permanecem excluídas ou têm acesso limitado. Dessa forma, a inclusão digital tornou-se inseparável das discussões sobre desigualdade, cidadania e direito à informação.

Em 2007, aos 19 anos, concretizei um dos maiores sonhos da minha juventude: fui aprovado no vestibular da Universidade de Brasília para o curso de Biblioteconomia. Tornei-me o primeiro estudante da minha escola a ingressar na UnB, em uma época em que as políticas de democratização do acesso ao ensino superior ainda eram mais limitadas do que atualmente. Essa conquista simbolizou, para mim e para minha família, a confirmação de que a educação pública podia transformar vidas. Não considerei essa aprovação apenas como uma vitória individual. Ela representava a materialização do esforço coletivo da minha família e demonstrava que um jovem oriundo da classe

trabalhadora poderia ocupar um espaço universitário historicamente marcado por desigualdades de acesso.

O ingresso na UnB, no segundo semestre de 2007, marcou o início de uma nova etapa. A universidade deixou de representar apenas um espaço de formação profissional e passou a simbolizar um projeto coletivo de democratização do conhecimento. Foi nesse ambiente que comecei a compreender a importância do ensino, da pesquisa, da extensão universitária e da produção científica como instrumentos de transformação social. A convivência com diferentes sujeitos, ideias e experiências permitiu que eu ampliasse minha leitura de mundo e reconhecesse a universidade pública como patrimônio da sociedade, sustentada pelo trabalho coletivo e pelo investimento público.

21 A 35 ANOS: FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PRODUÇÃO CIENTÍFICA E COMPROMISSO COM A UNIVERSIDADE PÚBLICA

A Universidade de Brasília transformou significativamente minha trajetória pessoal e profissional. Entre 2009 e 2011, estagiei na Biblioteca Central da UnB. Também tive a oportunidade de atuar no Memorial Darcy Ribeiro, experiência especialmente significativa, pois participei da organização daquele espaço e manuseei obras pertencentes ao próprio Darcy Ribeiro, muitas delas contendo anotações feitas por ele nas margens das páginas.

O contato com o Memorial Darcy Ribeiro fortaleceu meu interesse pela memória, pela preservação documental e pelo patrimônio cultural. Essa experiência despertou uma percepção que seria aprofundada posteriormente em minha trajetória: preservar documentos não significa apenas guardar objetos do passado, mas garantir que pessoas e grupos sociais possam acessar suas histórias, interpretar suas experiências e participar da construção coletiva da memória. No contato com o legado de Darcy Ribeiro, aproximei-me também de uma concepção de universidade comprometida com o povo brasileiro, com o enfrentamento das desigualdades e com a produção de conhecimentos vinculados aos problemas concretos da sociedade.

Concluí a graduação em Biblioteconomia em 2011. Em 2014, aos 26 anos, fui aprovado em concurso público para o cargo de Bibliotecário/Documentalista da Universidade de Brasília. Retornar à instituição como servidor representou a realização de outro grande sonho. A universidade que havia possibilitado minha formação passou a ser também meu espaço de atuação profissional. Assumir um cargo público significou, para mim, não apenas alcançar estabilidade profissional, mas assumir a responsabilidade

de devolver à sociedade parte das oportunidades que a educação pública havia proporcionado à minha própria vida.

Desde então, passei a atuar na formação de usuários competentes em informação, na mediação da leitura, em projetos de extensão e em ações voltadas à democratização do acesso ao conhecimento. Em 2014, ministrei o minicurso *Normalização de trabalhos acadêmicos*, durante a Semana Universitária da UnB. Em 2015, ofereci o minicurso *A Competência Informacional para o exercício da cidadania*, aprofundando uma área que se tornaria central em minha formação acadêmica e profissional.

Concluí a especialização em Biblioteconomia em 2015 e o Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília em 2017. Minha produção científica inicial concentrou-se principalmente na Competência em Informação e na atuação do bibliotecário universitário. Entre os artigos científicos publicados nesse período estão *Competência em Informação (CoInfo) no bibliotecário protagonista: estudo do perfil da Rede de Bibliotecas de Pesquisa do MCTIC à luz do Diagrama Belluzzo® (2016 e 2018)*; e *Competência em informação aplicada aos discentes da Faculdade UnB Planaltina: desafios e integração das ações bibliotecária e docente (2017 e 2018)*.

Também publiquei capítulos relacionados à Competência em Informação, como *Proposta de integração da ação bibliotecária e ação docente no Programa de Formação para Competências em Informação na biblioteca universitária (2015)*; *Perfil do bibliotecário universitário nas iniciativas formadoras de Competência em Informação: conhecimentos, habilidades e atitudes à luz do Diagrama Belluzzo® (2017)*; e *Perfil do bibliotecário universitário nos programas de formação para o desenvolvimento da Competência em Informação: o diálogo possível e necessário entre as universidades e a Rede de Bibliotecas das Unidades de Pesquisa do MCTIC (2017)*.

A divulgação dessas pesquisas ocorreu em eventos científicos nacionais e internacionais, como o *Seminário Hispano-Brasileño de Investigación en Información, Documentación y Sociedad*, realizado em Madri, e o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Entre as apresentações desse período estão *Competência em Informação (CoInfo): transformações conceituais e as suas correlações com o perfil do bibliotecário universitário (2016)*; *O bibliotecário universitário como agente mediador: as contribuições do Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação de Zins para a Competência em Informação (2016)*; e *Atributos profissionais para o bibliotecário atuante nas iniciativas formadoras de Competência em Informação: um estudo baseado na metodologia do Diagrama Belluzzo® (2019)*.

Essas experiências contribuíram para que eu compreendesse a Competência em Informação como uma prática ligada ao exercício da cidadania. Em uma sociedade atravessada por desigualdades de acesso, excesso de conteúdos, desinformação e disputas pela construção da verdade, formar sujeitos capazes de localizar, avaliar, interpretar e utilizar criticamente a informação constitui uma ação social e política.

Minha atuação profissional e acadêmica ocorreu em um período de profundas transformações políticas e sociais vividas pelo país. Em 2016, aos 28 anos, acompanhei com preocupação o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff. As controvérsias políticas e jurídicas que envolveram aquele processo levaram-me a refletir sobre os limites da democracia brasileira, sobre a permanência de interesses econômicos e políticos contrários aos avanços sociais e sobre a fragilidade das instituições diante de disputas pelo poder.

Na Universidade de Brasília, esses debates eram intensos e contribuíram para aprofundar minha compreensão sobre as relações entre educação, democracia e participação social. Também passei a reconhecer que as instituições públicas, inclusive as universidades, não se encontram isoladas das disputas existentes na sociedade, sendo frequentemente afetadas por projetos que buscam reduzir sua autonomia, seu financiamento e seu compromisso social.

Em 2020, aos 31 anos, vivenciei o início da pandemia de covid-19, completando 32 anos em abril daquele ano. A pandemia transformou as relações profissionais, acadêmicas e pessoais, intensificando o uso das tecnologias digitais na educação e no trabalho. Também acompanhei as consequências do negacionismo científico e vivenciei a perda de pessoas próximas do meu convívio na Universidade de Brasília. Essa experiência reforçou minha compreensão sobre a importância da ciência, da informação qualificada, da vacinação e das instituições públicas para a proteção da vida.

A pandemia também tornou ainda mais visíveis as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Enquanto uma parcela da população conseguiu trabalhar e estudar remotamente, milhões de pessoas enfrentaram o desemprego, a insegurança alimentar, a falta de acesso à internet e dificuldades para receber atendimento de saúde. Diante dessa realidade, compreendi que crises sanitárias não atingem todas as pessoas da mesma forma: seus efeitos são agravados pelas diferenças de classe social, renda, território e acesso às políticas públicas.

As reflexões produzidas nesse contexto também estiveram presentes no capítulo de livro *COVID-19: o ensino EaD e as novas tecnologias no contexto das escolas*

públicas do estado de Goiás, publicado em 2021. O trabalho permitiu relacionar a experiência da pandemia às desigualdades de acesso às tecnologias e aos desafios enfrentados pela educação pública.

Em 2022, aos 34 anos, acompanhei uma das eleições presidenciais mais polarizadas da história recente do país. A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva representou, para amplos setores da sociedade brasileira, a retomada de um projeto político comprometido com a democracia, a proteção social, a valorização das políticas públicas e o enfrentamento da fome e das desigualdades. Mais do que a vitória de uma candidatura, o resultado eleitoral expressou a resistência democrática diante do avanço do autoritarismo, da desinformação e dos discursos que procuravam enfraquecer a confiança nas urnas e nas instituições públicas.

Entretanto, parte dos grupos que não aceitaram o resultado das eleições passou a defender uma intervenção militar e a questionar, sem provas, a legitimidade do processo eleitoral. Em 8 de janeiro de 2023, poucos dias depois da posse presidencial, acompanhei com indignação a invasão e a depredação do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto, em Brasília. Os ataques às sedes dos Três Poderes evidenciaram que a democracia não se mantém apenas pela existência de leis e instituições: ela depende da participação popular, do respeito ao resultado das eleições e da reação permanente contra projetos autoritários.

Por viver e trabalhar em Brasília, aquele episódio adquiriu um significado ainda mais próximo. Espaços públicos que representam a soberania popular e a organização democrática do Estado foram atacados por grupos que pretendiam interromper a normalidade institucional. Essa experiência reforçou minha convicção de que preservar a memória desses acontecimentos é fundamental para impedir que o autoritarismo seja naturalizado ou apagado da história.

Foi também durante essa faixa etária, aproximadamente nos últimos anos desse período, que iniciei minha participação no Centro Memória Viva da Faculdade UnB Planaltina. Essa aproximação ampliou minha atuação para os campos da educação popular, da memória da Educação de Jovens e Adultos e do legado de Paulo Freire. Nesse espaço, passei a compreender mais claramente que memória e democracia estão profundamente relacionadas, pois os grupos que controlam os registros, os documentos e as narrativas sobre o passado também influenciam a maneira como a sociedade interpreta o presente e projeta seu futuro.

35 ANOS ATÉ O PRESENTE: CONSOLIDAÇÃO DA ATUAÇÃO COM MEMÓRIA, PAULO FREIRE E COMPROMISSO SOCIAL

A partir dos 35 anos, minha atuação no Centro Memória Viva da Faculdade UnB Planaltina consolidou-se e passou a ocupar um espaço ainda mais significativo em minha trajetória profissional e acadêmica. O trabalho com acervos, processos de digitalização, projetos de extensão e ações relacionadas à Educação de Jovens e Adultos e ao legado de Paulo Freire aprofundou minha compreensão sobre a importância de registrar histórias, preservar documentos e fortalecer a memória coletiva.

Passei a compreender de maneira mais clara que digitalizar documentos, organizar acervos e ampliar o acesso às informações não são apenas atividades técnicas. Essas ações democratizam o conhecimento, valorizam trajetórias de sujeitos e movimentos sociais historicamente invisibilizados e fortalecem o direito à memória. Nesse sentido, minha formação em Biblioteconomia passou a dialogar ainda mais intensamente com o compromisso social da universidade pública.

Ao aproximar-me das histórias da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores, percebi que muitos sujeitos tiveram o direito à escolarização negado ou interrompido em razão da pobreza, do trabalho precoce, das desigualdades territoriais e da ausência de políticas públicas adequadas. Preservar suas experiências significa reconhecer essas violações, mas também valorizar as estratégias de resistência, organização e luta por direitos construídas por esses sujeitos ao longo da vida.

Inspirado na perspectiva de Paulo Freire, passei a compreender que a memória não é um registro imóvel do passado. Ela constitui um espaço de diálogo, conscientização e resistência, por meio do qual os sujeitos podem interpretar criticamente suas experiências e reconhecer-se como participantes da transformação da realidade.

Essa experiência também ampliou minha compreensão sobre as relações entre memória, tecnologia e justiça social. As discussões apresentadas por Renato Dagnino sobre a Tecnociência Solidária contribuíram para que eu refletisse sobre a não neutralidade da ciência e da tecnologia. Compreendi que a produção do conhecimento e o uso das ferramentas digitais podem ser orientados tanto pelos interesses econômicos do mercado quanto pelas necessidades coletivas. No contexto do Centro Memória Viva, a tecnologia é utilizada para preservar acervos, democratizar o acesso à informação e fortalecer a memória da EJA e dos movimentos sociais.

Essa compreensão levou-me a questionar a ideia de que todo avanço tecnológico produz automaticamente desenvolvimento social. As tecnologias carregam interesses,

valores e projetos de sociedade. Por isso, sua apropriação precisa ser orientada pelo compromisso com a redução das desigualdades, a participação comunitária, a soberania popular e o atendimento das necessidades concretas das pessoas, especialmente daquelas historicamente marginalizadas.

Minha produção científica recente demonstra essa ampliação dos campos de interesse. Em 2024, publiquei o artigo científico *Revelar histórias e percorrer memórias: a experiência do projeto Pegadas de Paulo Freire* e os capítulos de livro *Ressonâncias da memória: um caminho freireano para a transformação educacional* e *Programa de extensão empreendedorismo e inserção profissional na comunidade*.

Em 2025, participei da produção dos artigos científicos *De Angicos para o mundo: a trajetória e a internacionalização do pensamento de Paulo Freire*; *A violência como fenômeno social complexo: interfaces biopsicossociais e políticas*; e *Origens e inter-relações críticas entre Direito, Estado e o monopólio da violência*. No mesmo ano, também participei da publicação dos capítulos de livro *Paulo Freire: vida, educação e democracia como práxis transformadora* e *Quando a escola se torna alvo: análise multidimensional da violência escolar no contexto brasileiro*.

Em 2026, publiquei o artigo científico *Mediação da leitura na Ciência da Informação: um estado do conhecimento da produção científica indexada na BRAPCI*. Também participei da publicação do capítulo de livro *O tempo que ensina: relatos de experiência, educação popular e a preservação da memória no Centro Memória Viva da Faculdade UnB Planaltina (CMV-FUP)*. Esse trabalho representa de maneira especial a integração entre minha formação como bibliotecário, minha atuação no Centro Memória Viva e meu compromisso com a preservação da memória da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores.

Paralelamente à produção científica, procurei contribuir com a formação de estudantes e profissionais por meio da orientação de trabalhos acadêmicos, da participação em bancas examinadoras, da organização de eventos universitários e da realização de atividades formativas. Em 2023, participei da coorientação e da banca da monografia *Fundamentos da Filosofia na formação de educadores(as) do/no campo: o caso da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina*. Essas experiências reforçaram minha compreensão de que ensinar, pesquisar, orientar e compartilhar conhecimentos são dimensões indissociáveis da universidade pública. Reforçaram também minha convicção de que o conhecimento produzido com recursos

públicos deve retornar à sociedade, dialogar com as comunidades e contribuir para o enfrentamento dos problemas sociais.

Hoje compreendo minha trajetória como resultado das oportunidades proporcionadas pela educação pública, do apoio incondicional da minha família e da convivência com professores que acreditaram no potencial transformador do conhecimento. A escolha feita por meus pais, quando decidiram priorizar meus estudos mesmo diante das limitações financeiras, repercutiu em todas as etapas da minha vida.

Entretanto, reconheço que minha trajetória não pode ser explicada apenas pelo esforço individual. Embora a dedicação pessoal tenha sido importante, foram a escola, a universidade pública, os professores, as políticas educacionais, o concurso público e as relações de solidariedade construídas ao longo da vida que tornaram possível meu percurso. Essa compreensão afasta a ideia de meritocracia como explicação suficiente para as conquistas individuais, pois nem todas as pessoas partem das mesmas condições materiais, sociais e culturais.

Ao revisitar minha história, percebo que ela não foi construída de forma isolada, mas nas relações estabelecidas com minha família, com os professores, com os amigos, com a escola, com a universidade e com os diferentes contextos históricos que marcaram o país. Minha trajetória também foi atravessada pela transição do mundo analógico para o digital, pelas transformações políticas do Brasil, pelas mudanças nas formas de produzir e acessar informações e pela defesa permanente da educação, da ciência e da democracia.

Compreendo, portanto, minha história de vida como uma construção sócio-histórica. Minhas escolhas foram realizadas em determinadas condições econômicas, políticas e culturais, influenciadas tanto pelas oportunidades que encontrei quanto pelas desigualdades e contradições presentes na sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, reconheço-me como sujeito dessas escolhas, capaz de interpretar criticamente a realidade e de atuar coletivamente para transformá-la.

As experiências vividas confirmam que memória, educação, ciência e tecnologia são construções sociais e coletivas. Por isso, compreendo meu trabalho como bibliotecário, pesquisador e integrante do Centro Memória Viva não apenas como uma atividade técnica, mas como uma forma de contribuir para a democratização do conhecimento, a preservação da memória social, o fortalecimento da educação popular e a defesa da universidade pública como espaço de produção coletiva do conhecimento, promoção da cidadania e transformação social.

Minha trajetória reafirma que a educação pública transforma vidas, mas também demonstra que sua existência e sua qualidade dependem de escolhas políticas, investimentos públicos e mobilização social. É nesse horizonte que pretendo continuar atuando: defendendo a ciência, a democracia, a justiça social, o direito à memória e uma universidade pública, gratuita, inclusiva, socialmente referenciada e comprometida com os interesses da população brasileira.

MINHA TRAJETÓRIA NO TEMPO: ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS QUE ME MARCARAM

Ao revisitar minha história de vida, reconheço que minha formação pessoal, acadêmica, profissional e política não ocorreu de maneira isolada. Minha trajetória foi atravessada por acontecimentos históricos que influenciaram minha maneira de compreender a democracia, a educação pública, a ciência, a tecnologia, a informação e os direitos sociais. Alguns desses fatos foram vivenciados inicialmente por meio das lembranças familiares, da escola ou dos meios de comunicação e somente mais tarde puderam ser compreendidos criticamente. Outros foram acompanhados já na vida adulta, quando eu possuía maior consciência de suas causas, contradições e consequências para a sociedade brasileira.

A linha do tempo apresentada a seguir sintetiza os principais acontecimentos históricos e políticos que marcaram minha trajetória e contribuíram para a construção da minha leitura de mundo.

1988

Constituição Federal e reconstrução democrática

Nasci no mesmo ano da promulgação da Constituição Federal de 1988, marco da redemocratização brasileira e da ampliação dos direitos civis, políticos e sociais. Mais tarde, compreendi que minha trajetória foi diretamente beneficiada pela afirmação da educação, da cultura, da informação e da cidadania como direitos fundamentais.

1994

Plano Real e transformações na vida das famílias brasileiras

A implantação do Plano Real marcou minha infância por meio das conversas familiares sobre inflação, preços e dificuldades econômicas. Mesmo sem compreender plenamente o acontecimento, percebia que as decisões econômicas interferiam diretamente na alimentação, nas compras e no planejamento cotidiano das famílias trabalhadoras.

2001

● **Atentados de 11 de setembro**

Acompanhei pela televisão os atentados contra as Torres Gêmeas, nos Estados Unidos. As imagens permaneceram em minha memória e, posteriormente, contribuíram para minha compreensão sobre conflitos internacionais, discursos de segurança e o papel dos meios de comunicação na interpretação dos acontecimentos mundiais.

2007

● **Ingresso na Universidade de Brasília**

Minha aprovação no vestibular da UnB representou um marco pessoal e social. Como primeiro estudante de minha escola a ingressar naquela universidade, compreendi que a educação pública poderia transformar trajetórias e possibilitar que jovens oriundos da classe trabalhadora ocupassem espaços historicamente marcados por desigualdades.

2016

● **Impeachment da presidenta Dilma Rousseff**

Acompanhei com preocupação o processo de impeachment da primeira mulher eleita para a Presidência da República. As controvérsias políticas e jurídicas daquele período aprofundaram minhas reflexões sobre a fragilidade da democracia brasileira, as disputas pelo poder e os interesses contrários à continuidade de políticas públicas e avanços sociais.

2020

● **Pandemia de covid-19 e negacionismo científico**

A pandemia transformou minha vida pessoal e profissional. Vivenciei a perda de pessoas próximas e acompanhei as consequências do negacionismo científico, da desinformação e das desigualdades no acesso à saúde, à tecnologia e à educação. Essa experiência reforçou minha defesa da ciência, da vacinação, da informação qualificada e das instituições públicas.

2022

● **Eleição presidencial e defesa da democracia**

A eleição presidencial de 2022 ocorreu em um contexto de intensa polarização política, circulação de desinformação e questionamentos sem provas sobre o sistema eleitoral. A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva representou, para mim, a resistência democrática e a possibilidade de retomada de políticas voltadas à proteção social, ao enfrentamento da fome, à valorização da ciência e à redução das desigualdades.

2023

Ataques de 8 de janeiro às sedes dos Três Poderes

Em 8 de janeiro de 2023, acompanhei com indignação a invasão e a depredação do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio do Planalto por grupos que não aceitavam o resultado das eleições. Por viver e trabalhar em Brasília, esse acontecimento adquiriu um significado ainda mais próximo e reforçou minha compreensão de que a democracia precisa ser permanentemente defendida contra o autoritarismo e as tentativas de ruptura institucional.

2024-2026

Memória, educação popular e compromisso social

A minha atuação no Centro Memória Viva possibilitou que eu conhecesse o papel da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores e me aproximasse do pensamento de Paulo Freire. Por meio das atividades desenvolvidas no projeto, também ampliei minha compreensão sobre a importância de preservar as trajetórias dos movimentos sociais, reconhecendo que a memória constitui um campo de resistência, de valorização das lutas coletivas e de fortalecimento da democracia.

Assim, minha história pessoal encontra-se vinculada à história política e social do Brasil. Compreender essas relações permite-me reconhecer que minha formação não decorre apenas de escolhas individuais, mas também das lutas coletivas, das políticas públicas, das instituições democráticas e das condições históricas que possibilitaram, limitaram ou transformaram minhas escolhas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, A. C.; FURTADO, Lucas Alves; WATHIER, Valdoir Pedro; SANTOS, R. B. De angicos para o mundo: a trajetória e a internacionalização do pensamento de Paulo Freire. **Inter-Ação** (UFG. ONLINE), v. 50, p. 1304-1319, 2025.

BRASIL, ALEX CRUZ; SANTOS, Rafael Barcelos; DE JESUS, JAQUELINE GOMES. A violência como fenômeno social complexo: interfaces biopsicossociais e políticas. **Lumen Et Virtus**, v. 16, p. 5185-5201, 2025.

BRASIL, A. C.; SANTOS, Rafael Barcelos; RECK, J. Quando a escola se torna alvo: análise multidimensional da violência escolar no contexto brasileiro. In: SILVA, J. R. S. (org.). **Pesquisas e estudos em educação e ensino: saberes e práticas com novos olhares**. 1ed. Curitiba: Editora Bagai, 2025. p. 27-38.

BRASIL, ALEX CRUZ; SANTOS, Rafael Barcelos; WATHIER, Valdoir Pedro; JESUS, JAQUELINE GOMES DE. Origens e inter-relações críticas entre direito, estado e o monopólio da violência. **Revista de Derecho y Câmbio Social**, v. 22, p. e3046-17, 2025.

FURTADO, L. A.; BRASIL, A. C.; SANTOS, Rafael Barcelos; SCHUTZ, J. A.; WATHIER, V. P. Paulo Freire: vida, educação e democracia como práxis transformadora. *In*: SILVA, J. R. S. (org.). **Temas em educação e ensino: olhares interdisciplinares, reflexões e saberes**. 6ed.Curitiba: Editora Bagai, 2025, p. 269-286.

ROCHA, E. N.; OLIVEIRA, L. M. J.; MOURA, M. P.; SANTOS, R. B.; PACHECO, R. G. Revelar histórias e percorrer memórias: a experiência do projeto pegadas de Paulo Freire. **Humanidades & Inovação**, v. 11, p. 343-351, 2024.

SANTOS, Rafael Barcelos; REIS, A. S.; CUNHA, E. J. P.; SANTOS, M. A. P. S.; MONTEIRO, A. F.; EDWARDS, L. M. O. O tempo que ensina: relatos de experiência, educação popular e a preservação da memória no Centro Memória Viva da Faculdade UnB Planaltina (CMV-FUP). *In*: ROCHA, E. N.; OLIVEIRA, L. M. J.; MACHADO, M. M. (org.). **Memória e história da Educação de Jovens, Adultos e Idosos Trabalhadores: Pegadas de Paulo Freire**. 1ed.São Paulo: Expressão Popular, 2026, p. 63-78.

SANTOS, Rafael Barcelos; ROCHA, E. N. Ressonâncias da memória: um caminho freireano para a transformação educacional. *In*: VASCONCELOS, R. D.; SARAIVA, R. C. F.; MEDEIROS, M. O.; RECK, J. (org.). **Cátedra vivenciar Paulo Freire e demais práxis emancipatórias: tecendo fios, construindo conexões**. 1ed.Brasília: Faculdade UnB Planaltina, 2024. p. 196-200.

SANTOS, Rafael Barcelos; SANTOS, H. R.; RECK, J. COVID-19: o ensino EaD e as novas tecnologias no contexto das escolas públicas do estado de Goiás. *In*: Lucas Rodrigues Oliveira. (org.). **Educação: dilemas contemporâneos**. Ved.Mato Grosso: Pantanal, 2021, v. 6, p. 57-72.

SANTOS, Rafael Barcelos; SIMEAO, E. L. M. S.; BELLUZZO, R. C. B. Competência em Informação (CoInfo) no Bibliotecário protagonista: estudo do perfil da Rede de Bibliotecas de Pesquisa do MCTIC à luz do Diagrama Belluzzo®. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, p. 1, 2018.

SANTOS, Rafael Barcelos; SIMEAO, E. L. M. S.; NASCIMENTO, F. R. Competência em informação aplicada aos discentes da Faculdade UnB Planaltina: desafios e integração das ações bibliotecária e docente. **Ciência da Informação**, v. 45, p. 74-88, 2017.